

# “Um operário em férias” que não para de trabalhar

Livro reúne crônicas de Cristovão Tezza publicadas na Imprensa

HUGO VIANA

Escrever livros é uma ocupação mais ou menos sem regras, que envolve métodos desenvolvidos de acordo com as perspectivas de cada autor. O trabalho em jornal, no entanto, segue certos parâmetros da redação jornalística. Cristovão Tezza, que já venceu, entre outros, o Prêmio Academia Brasileira de Letras e o Jabuti, foi convidado, em 2008, a escrever uma coluna semanal no jornal curitibano Gazeta do Povo. Esses textos, que refletem o trabalho do autor em se apropriar de normas jornalísticas ao mesmo tempo em que explora seu reconhecido estilo literário, podem ser lidos em “Um operário de férias”.

O livro, sugerido ao autor por Luciana Villas-Boas quando ainda era editora na Record, foi organizado por Christian Schwartz, que além de tradutor e jornalista é “vizinho e também torcedor do Atlético”, como ressalta Tezza. “Ele teve a generosidade de fazer a seleção, organização e apresentação das crônicas. Todas as escolhas foram integralmente dele. Eu só vi como ficou depois de o livro estar praticamente pronto. Este olhar de fora foi importante para mim, que sou um cronista novato - e um tanto inseguro”, explica o autor. O resultado é a reunião de 100 crônicas (de um total de 250 escritas para o jornal), divididas em tópicos vastos: “Vida de torcedor”, “Terça-feira”, “Curitiba no divã”, “De volta à vida real”, entre outros.

A crônica é um gênero de construção livre, em que o autor pode explorar assuntos variados, temas filtrados por sua própria percepção. Nos textos reunidos é possível notar os interesses diversos de Tezza; ele fala sobre futebol, gastronomia, rotina, além de literatura e do próprio leitor. A proposta é apresentar um panorama amplo do cotidiano através do olhar do cronista, mas sem a atmosfera particular de um romance; a partir de incentivos conceituais, o autor escreve textos breves, humorados e eruditos, que ressaltam o prazer pela escrita e o ato de contar histórias.

Na lista de distinções imediatas entre escrever literatura e assinar uma coluna de jornal, Tezza ressalta um ponto essencial: o leitor. “O jornal de certa forma obriga-nos a pensar no leitor. Uma crônica é um texto imediato, quase sempre sobre assuntos do dia - nessa ‘conversa’ do cronista, você pensa intuitivamente no leitor, prevê suas reações, antecipa seus argumentos, coloca-se de forma mais ou menos clara diante dos temas que comenta. Por mais ‘literário’ que seja o texto, há sempre o peso pragmático da ‘página do jornal’, o seu momento concreto. Na literatura esse processo é completamente diferente, muito mais livre e solto”, reflete.



**AUTOR** ressalta: “O jornal de certa forma obriga-nos a pensar no leitor”

O título do livro insinua a natureza das conversas propostas por Tezza; um autor que em seu período “livre” trata a literatura a partir de outra possibilidade narrativa. “O título foi sugerido pelo Christian, que tirou de uma crônica. É interessante essa ideia da crônica como ‘férias’. Mas as coisas não são assim de fato - a crônica para mim é trabalho pesado. Toda terça-feira tem de sair o texto. Na verdade, depois que me demiti da universidade, a atividade de cronista é a única “profissão” que me restou. Há esse sentido mesmo de obrigação. Mas, como todo trabalho que a gente gosta, ser cronista também me diverte. Não estabeleço hierarquia entre o cronista e o romancista. São atividades substancialmente diferentes, cada uma com seu jeito próprio.

Atualmente o autor trabalha num novo livro. Depois de “Beatriz” (2011) e “O espírito da prosa” (2012), obras que compilam textos curtos, Tezza retorna ao romance, gênero que o consagrou com obras como “O filho eterno” (2007) e “Um erro emocional” (2010). “Estou tocando um novo romance, que deve ficar pronto em 2014. Por isso estou viajando pouco este ano - estava sentindo falta de concentração para trabalhar. E eu só consigo escrever literatura em casa”, diz o autor, sem adiantar detalhes.

“CRÔNICA NÃO É LITERATURA”

**Nas crônicas, você trata de diferentes temas, literatura, futebol, gastronomia; o que diz sobre essa liberdade criativa, ao mesmo tempo em que existe a restrição quanto ao tamanho de um texto para jornal?**

A liberdade temática da crônica é sensacional. Não há tema proibido para um cronista. Mas é uma liberdade mais ou menos ilusória, porque há uma espécie de “cercado”. A primeira limitação é a extensão do texto de jornal. Nunca na vida havia me preocupado com limite de texto. Como escritor, meus textos estabelecem seu próprio limite. E, na produção acadêmica - dos meus tempos de professor -, parece sempre que, quanto mais você escreve, mais competente você é (o que é uma ilusão engraçada...). Pois bem, pela primeira vez tive de enfrentar rigidamente o limite de espaço. O que acabou por ser uma interessante educação formal. Meus textos têm sempre entre 2.800 e 2.900 toques. Quando passam disso, eu sempre corto alguma coisa para se encaixar no padrão. Essa é a primeira limitação; a segunda é a linguagem. Se o cronista tem toda a liberdade temática do mundo, o mesmo não ocorre com sua linguagem. Há uma linguagem de jornal que não é literatura, e que deve ser respeitada. Isso fui aprendendo aos poucos.

**Seus últimos três livros, “Beatriz”, “O espírito da prosa” e, agora, “Operário em férias”, são compostos por textos curtos. Em que sentido a escrita de um texto assim é diferente da composição de um romance?**

Bem, “O espírito da prosa” tem capítulos mais ou menos curtos, mas é um ensaio unitário, e não um conjunto de textos avulsos. Já os contos são literatura em estado puro, por assim dizer. Posso compará-los com os romances, e, aí sim, a extensão faz uma diferença formal importante que se reflete em todos os outros aspectos da obra. Mas a crônica é outra coisa; para mim, crônica não é literatura. Ela pode se apropriar de alguns aspectos da literatura, mas não se confunde com ela. A crônica sempre tem uma objetividade maior; é um gênero mais pragmático. Para mim, é uma conversa quase que direta com o leitor.

#### SERVIÇO

“Um operário de férias”,  
de Cristovão Tezza  
Editora Record  
232 páginas  
R\$ 34,90

